

O PÃO DA VIDA

“Vós procurais-Me, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes. Trabalhai, não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece até à vida eterna.(...) Eu sou o pão da vida. Quem vem a Mim nunca mais terá fome, e quem crê em Mim nunca mais terá sede.” (Jo 6, 26-27.34-35)

A Eucaristia

Há já algumas semanas, e durante ainda mais algum tempo, que as leituras da missa dominical e ferial apontam para o dom maior da Eucaristia. É uma insistência divina, que não podemos ignorar. O que estará o Senhor a dizer-nos, oferecendo-nos sempre perspectivas diferentes sobre o mesmo mistério?

Vivemos tempos conturbados em Igreja, e a Eucaristia está no centro de muitas disputas. Por mandato divino, que nos chegou através dos nossos bispos, fomos privados do alimento celeste já por várias vezes desde o início da pandemia. E assim demo-nos conta da vulnerabilidade do dom que tínhamos por garantido. A restrição de espaço dentro das igrejas tem ainda conseguido despertar-nos para o valor da Eucaristia e para o que estamos ou não dispostos a fazer para participar nela e nos alimentarmos de Deus.

Por outro lado, temos vindo a assistir a um aproveitamento ideológico da Eucaristia, por grupos opostos que se servem do dom gratuito do Senhor para se impor. Muitos de nós, “simplesmente católicos”, descobrimos pouco a pouco um mundo estranho e escandaloso: tradicionalistas e progressistas, conservadores e modernistas digladiam-se em nome do Senhor. Cada uma destas fações está convencida de que tem razão e defende “a verdadeira Igreja”, e olha de cima para baixo para os seus oponentes.

“Vós procurais-Me, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes”

Estaremos nós também à procura do Senhor pelos motivos errados? Teremos cedido à ideologia, que nos torna inimigos uns dos outros e nos faz cair no gravíssimo pecado do orgulho, do convencimento da superioridade da nossa forma de pensar, agir, celebrar, comungar? Andaremos atrás desta “saciedade” de que fala Jesus, este “bem-estar” espiritual que nos faz “estacionar na Igreja” (expressão do Papa Francisco), e nos torna preguiçosos e presunçosos quando se trata de participar num retiro, de avançar para o nível seguinte de oração pessoal ou familiar, de sair da nossa zona de conforto para abandonar o “sempre se fez assim”? Fugamos desta perigosa sensação de saciedade! Como nos mostraram os atletas de escalada, modalidade radical pela primeira vez nos Olímpicos, estar parado não é opção, a não ser por escassos segundos para recuperar o fôlego: ou subimos, ou descemos, e se descemos, é mesmo a pique.

“Trabalhai pelo alimento que permanece até à vida eterna”

É preciso que este tempo tranquilo de férias escolares dos filhos e, para muitos de nós, férias familiares, nos encontre a trabalhar sem descanso pela Eucaristia. É preciso desejar a Eucaristia, com a simplicidade de filhos que se reúnem em casa do Pai e que recebem o alimento à volta da mesa, com alegria e gratidão. É preciso que o Pão que recebemos não seja pão de divisão, mas realmente Pão da unidade (cf. 1Cor 10, 17).

Maria, a Mãe da Eucaristia

Numa carta (4-12-1970), em jeito de oração, a Irmã Lúcia explicou assim a participação de Maria no mistério eucarístico: *“Porque tu és a Mãe de Deus feito homem, em Ti adoramos a Deus como no primeiro Sacrário, no qual o Pai encerrou o Seu Verbo; como primeiro Altar, o teu Regaço; primeira Custódia, os teus braços, diante dos quais se ajoelharam os Anjos, os pastores e os reis, para adorar o Filho de Deus feito homem!”* Maria revela-nos a missão de cada cristão: sermos, como Ela, sacrário, altar, custódia.

Amemos Jesus como Maria O ama! E levemos Jesus a todos, como Maria O leva! Cada vez que contemplamos o Corpo e o Sangue de Jesus sobre o altar, procuremos ter o olhar de Maria, que contemplou Jesus nas palhinhas do presépio e sobre a cruz. E cada vez que estendemos as mãos em concha e O recebemos, tão vulnerável, na Comunhão, procuremos ter o olhar de Maria, que recebeu no colo o Bebê divino e, mais tarde, o corpo morto do seu Filho e seu Senhor. Só aos sacerdotes é dado consagrar o Corpo e o Sangue de Jesus; mas à nossa geração é dada a graça de estender as mãos e de O tocar, como tantos doentes e pecadores do seu tempo fizeram, a graça de O ter nas mãos por escassos segundos antes de O mastigar e comer. Na sua insondável vontade, Deus guardou para a nossa geração ferida e pecadora esta proximidade, que escondeu das gerações passadas. Duvidamos que seja o Espírito a assim conduzir a Igreja?

Compromisso

Durante este mês, façamos da Eucaristia verdadeiramente o centro da nossa vida. Aprofundemos, em oração familiar, as leituras da missa, que nos falam do maná, das provações do deserto, do mistério do Pão do Céu. Ensinemos aos mais novos pequenas invocações eucarísticas para rezar ao longo do dia. Decidamo-nos a fazer algum gesto reverente ao passar diante de uma igreja, mesmo dentro do carro. Santifiquemos a sério o domingo, fazendo da missa uma festa, sem lugar para divisões, murmurações ou ideologias. Transmitamos aos filhos um verdadeiro respeito, admiração e carinho pelos sacerdotes, especialmente pelo nosso pároco, sem ceder à tentação da crítica. Participemos com agrado na missa noutra paróquia que não a nossa, aproveitando as férias, para juntos descobriremos a unidade da Igreja universal. Repousemos na maravilha de sermos “simplesmente católicos”, humildemente fiéis ao Papa e ao Catecismo, membros da Igreja. Então seremos realmente saciados. E ainda que nos falte tudo, nada nos faltará. *Ámen!*